

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) ARTHUR FERNANDO DO ROSARIO GOMES

A VALIDADE DA DOUTRINA DE GUERRILHA
FORMULADA POR MAO TSE-TUNG NA ATUALIDADE:

A Atuação do Talibã no Afeganistão, a partir de 2001.

Rio de Janeiro

2009

CC ARTHUR FERNANDO DO ROSARIO GOMES

A VALIDADE DA DOCTRINA DE GUERRILHA
FORMULADA POR MAO TSE-TUNG NA ATUALIDADE:
A Atuação do Talibã no Afeganistão, a partir de 2001.

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Alceu O. C. Jungstedt

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2009

RESUMO

A guerrilha é uma ação milenar. No entanto, seus princípios foram formalizados somente na primeira metade do século XX, por Mao Tse-Tung, que os empregou com grande sucesso na China, especialmente no combate às forças de invasão japonesas. A história do Afeganistão é permeada por diversas guerras de resistência contra estrangeiros, desde Alexandre, o Grande (356 - 323 a.C.). Seu território montanhoso inclui diversas etnias, dentre as quais a majoritária é a Pashtun, que historicamente exerce o poder no país, e também é encontrada em grande número no Paquistão, na região da fronteira com o Afeganistão. Em 1979, a União Soviética invadiu o Afeganistão, em apoio a uma revolução comunista em curso. Em 1989, os soviéticos retiraram-se do país, derrotados pelo grupo de resistência denominado Mujahedin, o qual assumiu o poder. Em 1996, o Talibã derrotou o Mujahedin e assumiu o poder no Afeganistão, passando a impor a lei islâmica pura ou “sharia” à população, com destaque para a violência contra as mulheres e etnias não Pashtun. Após os atentados de 11 de setembro de 2001, perpetrados pela rede terrorista Al-Qaeda de Osama Bin Laden, e mediante a recusa do Talibã em entregar Bin Laden, os EUA invadiram o país, a fim de capturá-lo e desarticular as bases de operações da Al-Qaeda. Os EUA apoiaram a ofensiva do grupo afegão denominado Aliança do Norte, que derrotou o Talibã, e um novo governo foi empossado. Bin Laden não foi encontrado, mas a ocupação do país prosseguiu. As forças do Talibã refugiaram-se nas montanhas da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão. Em seguida, o Talibã deu início a uma insurgência baseada na guerra irregular, a fim de desestabilizar o novo governo e expulsar os invasores. A atual insurgência do Talibã tem características bastante similares à doutrina preconizada por Mao Tse-Tung. Recentemente, o Presidente Barack Obama anunciou uma nova estratégia para o Afeganistão, com o aumento da quantidade de tropas, o maior comprometimento com a reconstrução física e institucional do país, e a busca da aproximação com integrantes “moderados” do Talibã. Esta mudança de rumo dos EUA reflete os êxitos que o Talibã vem obtendo em desestabilizar o governo afegão e desgastar física e psicologicamente seus inimigos. Isto se deve ao apoio da comunidade Pashtun, à exploração adequada do terreno e à correção no emprego da guerrilha, o que, por sua vez, vem a confirmar a validade da doutrina de guerrilha formulada por Mao Tse-Tung na atualidade.

Palavras-chave: Guerrilha. Mao Tse-Tung. Afeganistão. Talibã.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	-	Relevo do Afeganistão.....	29
Figura 2	-	Grupos étnicos no Afeganistão.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	A DOCTRINA DE GUERRILHA DE MAO TSE-TUNG.....	8
2.1	Aspectos políticos.....	8
2.2	Aspectos estratégicos e operacionais.....	9
3	O AFGANISTÃO E O TALIBÃ – ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	12
3.1	A etnia Pashtun.....	12
3.2	A ascensão do Talibã.....	13
3.3	A política do regime Talibã.....	14
4	O AFGANISTÃO PÓS-TALIBÃ.....	16
4.1	Os erros da Operação Enduring Freedom.....	17
4.2	A reação do Talibã.....	20
5	CONCLUSÃO.....	25
	REFERÊNCIAS.....	27
	ANEXO A.....	29

1 INTRODUÇÃO

Em decorrência dos ataques terroristas ocorridos nos Estados Unidos da América (EUA) em 11 de setembro de 2001, o governo dos EUA exigiu que o Talibã, grupo fundamentalista islâmico, então no governo do Afeganistão, entregasse o terrorista Osama Bin Laden, líder da rede terrorista “Al-Qaeda” e suposto autor dos ataques.

Frente à recusa do Talibã em entregar Bin Laden, os EUA invadiram o Afeganistão e derrotaram o Talibã, apoiando uma ofensiva terrestre conduzida pelo grupo rival ao Talibã, denominado “Aliança do Norte”.

O propósito dos EUA era capturar ou eliminar Bin Laden e desarticular as bases da Al-Qaeda, localizadas na região da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão.

Em substituição ao governo do Talibã, os EUA empossaram um novo governo e prosseguiram na ocupação do país até o presente, com a participação de outros países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Entretanto, Bin Laden ainda não foi encontrado e o Talibã passou a conduzir uma guerra de resistência baseada em ações típicas de guerrilha, a qual vem logrando êxitos, conforme verificam Christia e Semple (2009, p. 34, tradução nossa): “Todos estão preocupados com o recente sucesso do Talibã [...]. Os seguidores do Talibã pressionaram o governo e seus aliados [...] e penetraram até as portas de Kabul¹”.

Nesse sentido, Silva (2008, p. 4) constata um “significativo aumento das baixas americanas – e dos aliados da OTAN – no Afeganistão em 2007, coincidindo com uma série de ofensivas militares dos Talibãs”.

O sítio eletrônico Icasualties (2009)² apresenta a evolução das baixas dos EUA e da OTAN no Afeganistão, conforme o seguinte quadro.

QUADRO 1

Quantitativo de baixas anuais dos EUA e da OTAN no Afeganistão, no período de 2001-2009

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Total
Baixas	12	69	57	59	131	191	232	294	192 *	1.237

* Baixas computadas até julho de 2009, inclusive.

¹ Kabul - Capital do Afeganistão.

² Disponível em: < <http://icasualties.org/oef/> >. Acesso em: 11 jul. 2009.

Em 2005, o Afeganistão já se tornava mais perigoso que o Iraque para as tropas dos EUA. O índice de baixas norte-americanas no Afeganistão era de 1,6 para cada 1.000 militares, enquanto no Iraque era de 0,9 para cada 1.000 militares. O mesmo problema ocorria com os órgãos de ajuda humanitária, chegando-se ao ponto em que a tradicional organização Médicos Sem Fronteiras deixou o país, após 24 anos de atuação (SARWARI; CREWS, 2008).

Segundo Mueller (2009)³, o Presidente Obama⁴ é defensor de que o propósito maior da missão dos EUA no Afeganistão é impedir que a Al-Qaeda tenha condições de atacar os EUA e seus aliados, assumindo a hipótese de que, se o Talibã retornar ao poder, a Al-Qaeda ficaria livre para operar.

Em decorrência, Bearden (2009) relata que o Presidente Obama anunciou uma nova estratégia para o Afeganistão, a qual prevê o envio de mais 17.000 militares para o país, além de um efetivo de 4.000 militares, designados exclusivamente para o treinamento das forças de segurança afegãs. Com isso, as forças estrangeiras no Afeganistão passam a totalizar 60.000 militares dos EUA e 30.000 oriundos dos países da OTAN. Segundo Bearden, este aumento justifica-se em razão das características dos combatentes do Talibã e das dificuldades impostas pelo terreno, uma vez que a União Soviética empregou 120.000 militares entre 1979 e 1989, e ainda assim perdeu a guerra. Bearden prossegue revelando que, frente às dificuldades militares, os EUA estão redefinindo sua missão, passando a estabelecer como objetivo prioritário a aproximação e a reconciliação com alguns integrantes do Talibã ditos “moderados”. Entretanto, o próprio Bearden faz o seguinte alerta:

[...] desastres ocorreram a todos os invasores estrangeiros do Afeganistão, de Alexandre o Grande à União Soviética. Agora, após sete anos de intervenção dos Estados Unidos, a administração Obama precisa confrontar muitos dos mesmos problemas enfrentados por todos os ocupantes de outrora (BEARDEN, 2009, p. 1, tradução nossa)⁵.

Os recentes êxitos do Talibã no Afeganistão despertam a curiosidade científica, a respeito das bases doutrinárias em que se fundamenta esta guerrilha. Do mesmo modo, torna-se inevitável a comparação com a doutrina formulada por Mao Tse-Tung (1893-1976), dado que este foi o primeiro pensador a oficializar a guerrilha como teoria, aplicando-a com grande sucesso na China, na primeira metade do século XX, quando afirmou o seguinte:

³ Disponível em: < <http://www.foreignaffairs.com/articles/64932/john-mueller/how-dangerous-are-the-taliban> >. Acesso em: 28 jun. 2009.

⁴ Barack Obama - Presidente dos EUA eleito em 2009.

⁵ Disponível em: < <http://www.foreignaffairs.com/articles/64925/milton-bearden/obamas-war> >. Acesso em: 28 jun. 2009.

[...] as campanhas de guerrilha empreendidas hoje na China são uma página na história sem precedentes. Sua influência não será limitada somente à China [...], mas será mundial (TSE-TUNG *apud* GRIFFITH, 1992, p. 35, tradução nossa).

As obras literárias de Mao Tse-Tung refletem seu pensamento em três momentos distintos de sua guerra revolucionária. O primeiro momento refere-se à guerra contra o governo Chinês, o segundo contra a invasão do Japão e o terceiro contra o governo novamente (WALDRON; O'DOWD, 1992).

O livro “On Guerrilla Warfare” refere-se particularmente ao segundo momento, na “luta contra um invasor estrangeiro e detentor de larga vantagem tecnológica” afirma O’Dowd (1992, p. 139, tradução nossa). Portanto, verifica-se que esta é uma obra adequada para analisar a atual situação no Afeganistão a luz da doutrina de Mao Tse-Tung, visto que a guerrilha neste país tem como seus inimigos as forças dos EUA e da OTAN, que invadiram o Afeganistão em 2001, e são possuidores de grande vantagem tecnológica, assim como foi o Japão na China de Mao Tse-Tung.

Sendo assim, este trabalho tem como propósito analisar a validade da aplicação da doutrina de guerrilha formulada por Mao Tse-Tung no atual conflito no Afeganistão. Esta análise será conduzida por meio da descrição da atuação do Talibã no Afeganistão, de 2001 até o presente; e da comparação da doutrina de guerrilha formulada por Mao Tse-Tung com a insurgência conduzida pelo Talibã.

2 A DOCTRINA DE GUERRILHA DE MAO TSE-TUNG

Em 1930, o então Partido Comunista Chinês tentou tomar o poder na China por meio de levantes urbanos. Em decorrência do fracasso desta empreitada, o Partido Comunista, influenciado por Mao Tse-Tung, retirou-se das cidades para o campo, onde o difícil terreno e as ações de guerrilha proporcionavam segurança para sua sobrevivência. Estes fatos marcaram as duas principais características desta guerra revolucionária: o deslocamento da revolução proletária urbana para a revolução a partir do campo, e a guerra irregular. Cercado pelas forças governistas Mao evadiu-se para o noroeste da China, no episódio conhecido como a Longa Marcha (1934-1935). Com a invasão japonesa em 1937, Mao Tse-Tung fortaleceu seu exército e teve atuação destacada na luta contra os invasores (WALDRON; O'DOWD, 1992).

2.1 Aspectos políticos

Sem um objetivo político, a guerra de guerrilha irá falhar, bem como se seus objetivos políticos não coincidirem com as aspirações do povo, pois sua simpatia, cooperação e assistência não poderão ser conquistadas (TSE-TUNG, 1992, p. 71, tradução nossa).

A guerrilha não era um fenômeno original, pois já havia acontecido anteriormente na história, como por exemplo, aquela conduzida por Francis Marion (1732-1795) na Guerra de Independência dos Estados Unidos (1775-1783). O fator político inovador foi a dimensão social da guerrilha conduzida por Mao Tse-Tung, a qual priorizou as considerações sociais sobre aquelas puramente militares, em uma China com sérios problemas na estrutura social de sua sociedade rural (WALDRON; O'DOWD, 1992). Isto se deve ao fato de que “uma situação potencialmente revolucionária existe em qualquer país no qual o governo falha persistentemente em assegurar um padrão minimamente decente de vida para a grande maioria de sua população” (GRIFFITH, 1992, p. 55, tradução nossa).

Nesse sentido, Mao Tse-Tung (1992) afirmava que a luta somente pode ser bem sucedida se houver uma firme união entre a guerrilha e o povo, ou ao menos a maior parte do povo. “Esta unidade torna impossível para uma potência interventora impor sua vontade, exceto em áreas muito restritas” (GRIFFITH, 1992, p. 58, tradução nossa). Para assegurar essa união, Mao destacava a importância de:

[...] líderes políticos fortes que trabalhem incessantemente para obter a unificação interna. Estes líderes devem aproximar-se do povo e precisam saber a concepção

correta da política a ser adotada, tanto para com o povo como para com o inimigo (TSE-TUNG, 1992, p. 87, tradução nossa).

Além disso, quando a guerrilha surge por iniciativa do próprio povo, segundo Mao Tse-Tung (1992), a sua liderança tende a ser exercida por pessoas como estudantes, professores, ex-militares e profissionais liberais. Ainda segundo Mao, o recrutamento de combatentes deve ser exclusivamente voluntário; e a característica mais importante a ser identificada nos candidatos é a absoluta fidelidade à idéia de libertação do povo.

Entretanto, Mao Tse-Tung (1992) alertava quanto à existência de pessoas que se envolvem com a guerrilha no intuito de exercer atividades ilegais. Porém, explicava que estes criminosos também deveriam ser recrutados, caso contrário o inimigo poderia utilizá-los para sua vantagem. Nestes casos, recomendava o esforço no sentido de convertê-los ideologicamente, ressaltando que o vício pelo ópio deveria ser proibido, sob pena de expulsão.

No que tange ao trato com a população, Mao Tse-Tung (1992) destacava a importância de uma conduta cavalheira. Já em relação ao trato com o inimigo, considerava a necessidade de cumprir a missão, “tratando os prisioneiros com consideração e cuidando dos feridos que forem capturados”, pois, ao deixar de fazê-lo, estaria “fortalecendo a solidariedade do inimigo” (TSE-TUNG, 1992, p. 113, tradução nossa).

2.2 Aspectos estratégicos e operacionais

O conceito de que a guerra de guerrilha é um fim em si mesma e de que as atividades de guerrilha podem ser divorciadas das atividades das forças regulares é incorreta (TSE-TUNG, 1992, p. 80, tradução nossa).

Waldron e O’Dowd (1992) subdividiram a estratégia de Mao Tse-Tung em três fases. A primeira fase seria uma retirada estratégica, com o propósito de conservar suas forças, mobilizar a população e construir seu exército. A segunda fase seria o equilíbrio, na qual o exército aproxima-se do nível de força necessário para conduzir uma ofensiva estratégica. A terceira fase seria aquela na qual o exército de fato possui condições de conduzir operações ofensivas com mobilidade.

Na primeira fase, a ênfase estaria nas ações de guerrilha. Na segunda fase, haveria o equilíbrio entre ações regulares e de guerrilha. Já na terceira fase, a ênfase estaria nas ações regulares. Esta subdivisão retrata que “apesar das ações de guerrilha, em coordenação com forças convencionais, proporcionarem uma importante contribuição militar, a história parece

demonstrar que ações unicamente de guerrilha não alcançam resultados decisivos, mas podem tornar-se um problema crônico” (WALDRON, O’DOWD, 1992, p. 20, tradução nossa).

Nesse sentido, segundo Mao Tse-Tung (1992), as principais contribuições da guerrilha são o desgaste material e psicológico do inimigo, a redução da área sob seu controle direto, o ataque às suas linhas de comunicações e o prolongamento da guerra, com o propósito de drenar seus recursos indefinidamente. Em suma, a guerrilha obriga o inimigo a “dissipar sua energia em um tipo de guerra na qual os ganhos não compensam as perdas” (TSE-TUNG, 1992, p. 92, tradução nossa). Porém, a guerrilha não é capaz de produzir uma vitória estratégica.

Já Griffith (1992), analisou as mesmas três fases, enfatizando os seguintes aspectos. Na primeira fase, as forças deveriam ser posicionadas em terreno isolado e de difícil acesso. Além disso, no processo de doutrinação da população, a neutralidade não seria tolerada, bem como o processo de recrutamento incluiria o treinamento militar de jovens e crianças. Na segunda fase, haveria multiplicação de ações de sabotagem, terrorismo e assassinatos seletivos, bem como pequenos ataques às forças adversárias com o propósito de capturar material bélico, como também provocar o maior envolvimento do inimigo em tarefas de segurança, em detrimento de suas missões principais. Na terceira fase, uma parcela significativa da força de guerrilha seria revertida para o exército, o qual estaria em condições de buscar a batalha decisiva. Nesta fase, poderia ainda haver negociações com o inimigo, com o propósito de ganhar tempo para fortalecer-se, e desgastá-lo psicologicamente.

Outros aspectos importantes destacados por Griffith (1992) são os seguintes:

- em áreas extensas, as ações de guerrilha são necessariamente descentralizadas;
- o inimigo é a principal fonte de suprimentos de material bélico;
- os guerrilheiros são mestres na arte da simulação⁶ e dissimulação⁷.

No que tange à organização de bases, a fim de prover segurança e apoiar a preparação das forças de guerrilha, verifica-se o seguinte:

Uma base de guerrilha pode ser definida como uma área, estrategicamente localizada, na qual as guerrilhas podem desenvolver suas tarefas de adestramento, auto-preservação e desenvolvimento. A capacidade de combater sem uma área de retaguarda é uma característica fundamental de uma ação de guerrilha, mas isto não significa que guerrilhas podem existir e operar por um longo período de tempo sem o desenvolvimento de áreas de base [...] As vantagens de bases em áreas montanhosas são evidentes [...] Estas bases são fortemente protegidas (TSE-TUNG, 1992, p. 126, tradução nossa).

⁶ Simulação - Disfarce, fingimento, simulacro. Fonte: Miniaurélio Eletrônico Versão 5.12.83.

⁷ Dissimulação - Não revelar seus sentimentos ou desígnios. Fonte: Miniaurélio Eletrônico Versão 5.12.83.

Quanto à economia da população residente na área de guerrilha, Mao Tse-Tung (1992) estabeleceu que deveria haver uma relativa proteção ao comércio e aos negócios, ou seja, as pessoas deveriam contribuir com dinheiro, na proporção de suas posses, bem como os fazendeiros locais deveriam fornecer uma parcela de seus produtos aos guerrilheiros. Entretanto, “o confisco deve ser proibido, exceto no caso de negócios de propriedade de traidores” (TSE-TUNG, 1992, p. 128, tradução nossa).

3 O AFGANISTÃO E O TALIBÃ – ANTECEDENTES HISTÓRICOS

No século XIX, o Afeganistão foi criado como um Estado tampão entre os impérios inglês e russo, com suas fronteiras impostas pela Inglaterra. A fronteira leste dividiu as tribos da etnia Pashtun que habitavam originalmente a região. Até hoje, esta etnia encontra-se dividida entre os territórios do Afeganistão e do Paquistão. O Talibã recusa-se a reconhecer a existência desta fronteira, assim como a população local vem desconsiderando-a sistematicamente ao longo do tempo. No território do novo Estado, destaca-se a cadeia de montanhas do Hindu Kush (figura 1). O clima é desértico na maior parte do país. (CREWS; TARZI, 2008).

Conforme comentado por Mao Tse-Tung (1992) e Griffith (1992), a respeito da exploração da topografia em proveito das ações de guerrilha, verifico, então, que o relevo do Afeganistão, de característica predominantemente montanhosa, constitui um aspecto particularmente favorável ao estabelecimento e à segurança de bases de guerrilha, em razão do difícil acesso a diversas regiões do país.

3.1 A etnia Pashtun

Historicamente, a comunidade Pashtun tem sido a chave para o poder no Afeganistão [...] O Talibã recebeu forte apoio da comunidade Pashtun não somente porque também eram Pashtuns [...] Ao invés disso, o Talibã conseguiu alcançar seus objetivos porque foram habilidosos em engajar-se nas políticas locais intra-Pashtun [...] apresentando-se como atores neutros e insistindo que eram diferentes dos governantes recentes (CREWS; TARZI, 2008, p. 53, tradução nossa).

As elites Pashtun historicamente posicionaram-se como líderes naturais do Afeganistão, em razão de representarem a maioria étnica (figura 2). O próprio termo “Afegão” remete à denominação da dinastia Pashtun que estava no poder, na época da criação do Estado. A origem da formação do Talibã está intimamente ligada à etnia Pashtun, na medida em que envolve a visão da subordinação do Estado à lei islâmica pura ou “sharia”, e a interpretação de que a lei costumeira dos Pashtun ou “Pashtunwali” identificava-se perfeitamente com esta. Nesse sentido, na guerra contra os soviéticos, o Talibã já se organizava em torno das escolas religiosas ou “madradas”, nas quais estudantes pobres ou órfãos eram convertidos em soldados. Não obstante, jovens Pashtun aderiram ao movimento, mesmo sem terem passado pelas madrasas, em razão da identificação étnica e religiosa (CREWS; TARZI, 2008).

Sendo assim, no que tange ao recrutamento, verifico que a força de combate do Talibã era formada exclusivamente pelo serviço voluntário, incluindo-se jovens estudantes e crianças, liderados por professores, ao invés de militares profissionais, conforme preconizado por Mao Tse-Tung (1992) e enfatizado por Griffith (1992); sendo que, no caso do Talibã, o requisito de fidelidade absoluta à causa, considerado fundamental para Mao Tse-Tung (1992), era assegurado pela doutrinação política e religiosa dos combatentes conduzida no âmbito das próprias madrasas.

“Desde 1880 [...] as elites Pashtun embarcaram em um projeto de “colonialismo interno” subjugando os não Pashtun em uma série de violentas campanhas” (CREWS; TARZI, 2008, p. 55, tradução nossa). Durante o regime Talibã, esse fenômeno agravou-se ainda mais, tornando-se especialmente explosivo, apesar da crescente imagem negativa do Talibã no mundo, em decorrência das políticas de seu regime (CREWS; TARZI, 2008). Mesmo após a queda do regime em 2001, o apoio dos Pashtun ao Talibã manteve-se inabalado, uma vez que “havia perdido a influência política a que estavam acostumados” (TARZI, 2008, p. 285, tradução nossa).

Mao Tse-Tung (1992) pregava a necessidade inalienável de apoio popular à guerrilha, ou pelo menos da maior parcela do povo, sendo que este apoio seria tão mais facilmente conseguido quanto piores fossem as condições de vida da população. Nesse sentido, concluo que o Talibã logrou obter e manter o apoio da maioria étnica do Afeganistão, por meio da exploração de sua grave condição social e de seu desejo de poder político. Entretanto, o relacionamento entre o Talibã e a comunidade Pashtun dificulta sobremaneira a obtenção do apoio popular das demais etnias existentes no país, em razão do histórico de opressão exercida pelos Pashtun sobre estas etnias.

Ressalto que a insurgência no Afeganistão, assim como na China, também se originou no campo e não nas cidades; uma vez que a força motriz do Talibã, ou seja, a comunidade Pashtun e as próprias madrasas, situam-se predominantemente no campo, especialmente nas regiões tribais localizadas na região da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão.

3.2 A ascensão do Talibã

Em 1978, ocorreu no Afeganistão uma revolução comunista, cuja oposição interna levou à invasão do país pelos soviéticos em 1979. Formou-se então um grupo de resistência

denominado Mujahedin. Com a retirada soviética em 1989, a revolução arrefeceu e o Mujahedin assumiu o poder em 1992. Nesse período, o Paquistão abrigou três milhões de refugiados afegãos, dentre os quais muitos aderiram ao Talibã, cujas madrasas proliferavam tanto no Paquistão como no Afeganistão (CREWS; TARZI, 2008).

O Talibã lutou junto ao Mujahedin contra os soviéticos, porém o último jamais conquistou os corações e mentes dos combatentes e da população. Além disso, não conseguiu unir os movimentos de resistência e não logrou construir um governo viável. Então, em 1994, o Talibã anunciou sua intenção de restaurar a ordem moral e a justiça no Afeganistão, abaladas pela impunidade, adultério e estupros. Logo, o Talibã desencadeou uma ofensiva estratégica de grande escala contra o governo, envolvendo infantaria, blindados e até aviação. Simultaneamente, o Talibã negociava localmente o controle de diversas províncias. Finalmente, em 1996, o Talibã derrubou o governo Mujahedin e assumiu o poder no Afeganistão (CREWS; TARZI, 2008).

Portanto, constato que o mesmo Talibã, que atualmente conduz a guerrilha no Afeganistão, construiu sua ascensão ao poder no passado, por meio de operações de guerra regular de grande envergadura. Logo, depreendo que as ações do Talibã são caracterizadas por um elevado grau de flexibilidade, em função da situação e do inimigo, o que está perfeitamente alinhado com a doutrina preconizada por Mao Tse-Tung (1992), a respeito da inadequação do emprego da guerrilha para obter resultados decisivos, os quais somente poderiam ser alcançados por meio de operações regulares, não obstante a significativa contribuição complementar da guerrilha no desgaste físico e psicológico do inimigo.

3.3 A política do regime Talibã

O Talibã tentou, ao mesmo tempo, ressuscitar um Estado arruinado e afirmar-se perante a comunidade internacional; enquanto tentava impor a visão de uma ordem islâmica, com recurso à violência contra seus rivais Mujahedin, e contra os inimigos da nova ordem (CREWS, 2008, p. 244, tradução nossa).

A política do regime Talibã era estabelecida de maneira autoritária pelo seu líder, Mullah⁸ Omar (CREWS, 2008). Entretanto, uma vez no poder, o Talibã passou a enfrentar as mesmas dificuldades que os governos antecedentes, no que concerne ao desenvolvimento da infra-estrutura estatal no Afeganistão, tendo como obstáculos a “grande diversidade da

⁸ Mullah - Título religioso islâmico.

população, a difícil geografia, a pobre infra-estrutura e a interferência externa” (CREWS; TARZI, 2008, p. 56, tradução nossa).

Durante o regime do Talibã, a *sharia* era imposta à população por meio do detalhamento e da brutal fiscalização de regras de comportamento social, como as vestimentas das mulheres, o corte de barba dos homens, a rotina de orações, e as restrições à música e à televisão (CREWS; TARZI, 2008).

Uma característica marcante do regime do Talibã era o anonimato de seus líderes com relação às decisões políticas, visando transmitir uma imagem de humildade e honestidade de propósito. Não obstante, o Talibã fazia largo uso da propaganda. Para isso, valia-se tanto de meios ortodoxos como rádios e jornais, quanto modernos como a internet. Além disso, tinham o costume de realizar atos em público, com forte apelo e grande visibilidade. Com a queda do regime em 2001, o Talibã passou a realizar sua propaganda por meio das chamadas “cartas noturnas”, pois eram panfletos colocados sob as portas das casas durante a noite. Além disso, mantiveram-se na internet, e na televisão em canais via satélite (CREWS; TARZI, 2008).

Verifico, portanto, a permanente preocupação do Talibã com relação ao fortalecimento da imagem política de sua liderança perante a população, o que reverbera o pensamento de Mao Tse-Tung (1992) quanto à necessidade de uma liderança política forte e unificadora, como condicionante essencial para assegurar o apoio popular.

Por outro lado, o Talibã voltava-se para o campo interno, mais precisamente para suas principais fontes de receita doméstica: a “taxação sobre o ópio, a heroína e sobre o lucrativo trânsito entre o Irã e o Paquistão” (CREWS; TARZI, 2008, p. 49, tradução nossa). A produção de ópio no Afeganistão é uma atividade milenar, porém, com o consentimento do Talibã, a produção duplicou entre 1995 e 1999 (SARWARI; CREWS, 2008).

4 O AFGANISTÃO PÓS-TALIBÃ

Apesar das eleições presidenciais e parlamentares e dos esforços de reconstrução patrocinados internacionalmente, o Talibã transformou-se em um **movimento de guerrilha** para lutar contra o governo de Karzai, e contra as forças americanas e da OTAN, tornando-se a força de oposição mais mortal do país (CREWS; TARZI, 2008, p. 52, tradução nossa, grifo nosso).

Desde o início de seu governo, o presidente Karzai⁹ vem promovendo uma ampla anistia aos membros do Talibã, com a clara intenção de obter o apoio da comunidade Pashtun, por meio da inclusão de integrantes “moderados” do Talibã em seu governo. Entretanto, em um sentido mais amplo, esta política produziu mais reveses do que vantagens. Em primeiro lugar, a anistia desagradou às comunidades de etnia não Pashtun, tendo em vista que implicava na impunidade dos crimes cometidos contra os não Pashtun, pelos membros do Talibã anistiados. Além disso, a política de inclusão de ex-membros do Talibã (de etnia Pashtun) no governo aumentava o risco de exclusão gradual dos não Pashtun do cenário político nacional. Por outro lado, apesar de ter havido alguma adesão à anistia, esta não foi suficiente para arrefecer a insurgência, pois o Talibã não tardou em classificá-la como traição, iniciando uma campanha de assassinato dos anistiados. Finalmente, o propósito maior do governo não foi alcançado, uma vez que a comunidade Pashtun continuou apoiando o Talibã, por entender que seus interesses eram mais bem representados pela insurgência do que pelo governo. Cabe ainda questionar as verdadeiras intenções daqueles que foram anistiados e ocupam atualmente cargos no governo, mas que, até o momento, não foram assassinados pelo Talibã; tendo em vista que pode tratar-se simplesmente de um caso de infiltração de agentes no governo de Karzai pelo Talibã (CREWS, 2008).

Recentemente, os EUA vêm anunciando a busca do diálogo com membros também “moderados” do Talibã, como parte de uma nova estratégia, que visa enfraquecer o Talibã, a fim de compensar as sérias dificuldades que vem enfrentando no campo militar. Quanto à busca desta reconciliação pelos EUA, no sítio eletrônico Crisis Group¹⁰ (2009, p. 2, tradução nossa), verifica-se o seguinte alerta:

Os EUA não devem iniciar o diálogo com o Talibã prematuramente [...], especialmente a partir de uma posição de fraqueza. As negociações com o Talibã levadas a público [...] enviam a mensagem de que o terror compensa. Acordos de paz anteriores [...] foram invariavelmente quebrados em questão de meses, e em todos os casos reforçaram o poder da insurgência.

⁹ Hamid Karzai - Presidente do Afeganistão desde a queda do Talibã até o presente.

¹⁰ Disponível em: < <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=3071&1=1>>. Acesso em: 09 jul. 2009.

Nesse sentido, ao comparar a atual situação no Afeganistão, onde a idéia de negociação está sendo ventilada pelos EUA e não pelo Talibã, com a afirmação feita por Griffith (1992) de que a insurgência poderia buscar a negociação, quando já houvesse constituído um exército capaz de realizar ofensivas estratégicas, visualizo duas hipóteses: o Talibã ainda não possuiria o referido exército, ou o mesmo estaria em formação, e, nestes casos, os EUA estariam visando à negociação enquanto detêm a superioridade; ou, assumindo que o Talibã já possua o referido exército, até o presente momento não foram identificados indícios a respeito de suas intenções quanto à abertura de negociações.

4.1 Os erros da Operação Enduring Freedom¹¹

Na verdade, quando os Estados Unidos, em dezembro de 2001, abandonaram os combates [...] deixando a ação nas mãos de tropas locais, inaugurou uma gestão ineficaz da guerra [...] o medo das baixas e a crença que a guerra no Afeganistão seria irrelevante [...] tornou a ação de Rumsfeld¹² displicente e descuidada (SILVA, 2008, p. 3).

Segundo o sítio eletrônico Crisis Group (2009, p. 1, tradução nossa), “a situação precária no Afeganistão pode ser atribuída aos erros estratégicos cometidos durante e imediatamente após a invasão em 2001”.

Na fase inicial da Operação Enduring Freedom, os EUA incorreram em um grave erro, no tocante ao tratamento da comunidade Pashtun. Influenciados pela Aliança do Norte, os EUA atacaram civis Pashtuns, sob a alegação de serem simpatizantes do Talibã. Mais tarde, os EUA constataram seu erro, percebendo que haviam selecionado alvos baseados em informações tendenciosas e provenientes de uma única fonte; somando-se a isso a falta de atenção quanto aos aspectos culturais e históricos do país, que os EUA também buscaram corrigir. Entretanto, essas medidas não foram bastante para conquistar a confiança da comunidade Pashtun, que já se encontrava seriamente abalada (TARZI, 2008).

Como agravante, a postura dos EUA no início da invasão proporcionou um ambiente favorável para o desencadeamento de uma série de assassinatos de oportunidade, por desejo de vingança, dirigidos tanto contra civis como prisioneiros de guerra, sob um forte clima de impunidade (SARWARI; CREWS, 2008).

¹¹ Enduring Freedom - nome da operação militar em curso no Afeganistão, desencadeada pelos EUA em 2001.

¹² Rumsfeld - Secretário de Defesa dos EUA na ocasião.

Outro erro dos EUA decorre de sua estratégia para a ocupação do Afeganistão pós-Talibã. A vitória contra o Talibã foi rápida e pouco dispendiosa para os EUA, uma vez que basicamente apoiaram a ofensiva da Aliança do Norte com inteligência, apoio aéreo e forças especiais. Do mesmo modo, a ocupação foi baseada mais em soluções militares repressivas e pontuais, do que na efetiva e dispendiosa estabilização do país, com investimentos na sua reconstrução e principalmente no fortalecimento de suas instituições civis e militares, de modo a proporcionar segurança e melhores condições de vida para a população. Com a opção dos EUA por uma estratégia minimalista, as fracas instituições afegãs não resistiram e, em consequência, instalou-se um ambiente de ilegalidade generalizada no país; tendo como ícones a corrupção no governo e o crescimento desenfreado do cultivo de papoula, alcançando o primeiro lugar na produção mundial e ocupando 40% do Produto Interno Bruto (PIB) afegão em 2004. Acima de tudo, esta situação resultou na total desilusão da população afegã para com as forças de ocupação (SARWARI; CREWS, 2008).

A fragilidade institucional também é identificada pelo sítio eletrônico Crisis Group (2009, p. 2, tradução nossa), no qual se afirma que:

A negligência do setor judicial também tem enfraquecido a aplicação da lei, o que também significa referir-se à corrupção oficial, que é alimentada pela economia das drogas. O Afeganistão hoje conta com 82% da produção mundial de ópio.

A política minimalista dos EUA fez-se presente também no quantitativo de forças desdobradas no país e na ajuda financeira. Segundo consta no sítio eletrônico Crisis Group (2009, p. 1, tradução nossa), “muito poucas tropas foram desdobradas após a queda do Talibã - somente 4.500 quando mais de 20.000 eram necessárias”.

Ao comparar a ocupação no Afeganistão com outros conflitos recentes, tomando-se como referência a quantidade de soldados para cada grupo de 1.000 habitantes, verifica-se que, em 2002 no Afeganistão, havia 0,5 militares para cada 1.000 habitantes; enquanto no Kosovo em 1999 havia 23,7 militares para cada 1.000 habitantes; no Iraque em 2003 havia 6,1 militares; e no Haiti em 1994 havia 3,5 militares. Quanto à ajuda financeira, mesmo antes da invasão do Iraque em 2002, a ajuda per capita no Afeganistão era de U\$ 57, enquanto no Timor Leste foi de U\$ 233; no Kosovo R\$ 526; e na Bósnia R\$ 679. Em 2007, os contingentes dos EUA e OTAN no país já somavam 40.000 militares. Porém, outros fatores contribuíam para debilitar ainda mais a autoridade do governo, como a distribuição de recursos financeiros dos órgãos de ajuda humanitária diretamente à população, sem ingerência do governo; a contratação de empresas privadas, pelos EUA, para executar funções do Estado

afegão, como a construção de escolas; e o estabelecimento de prisões secretas pelos EUA em território afegão (SARWARI; CREWS, 2008).

Mais em erro estratégico foi cometido pelos EUA, ao considerar a queda do regime do Talibã, em 2002, como um fato indicador de que a guerra estava definitivamente vencida. Em decorrência, foi autorizado o livre acesso a qualquer região do país para os órgãos de ajuda humanitária e diversas empresas privadas estrangeiras, o que veio a mostrar-se de elevado risco, em razão dos ataques da insurgência. Como agravante, os órgãos de ajuda humanitária tiveram sua neutralidade comprometida, tendo em vista que sua imagem é normalmente associada à Organização das Nações Unidas (ONU) e esta não tardou em reconhecer o novo governo afegão, posicionando-se politicamente contrária aos opositores do governo, dentre os quais o Talibã. Entretanto, a pior consequência do erro de assumir precocemente a vitória sobre o Talibã foi que os EUA foram completamente surpreendidos pelo vigor da insurgência, a qual se mostrou capaz inclusive de envolver-se em batalhas prolongadas, envolvendo efetivos de centenas de combatentes. Naturalmente, a reação imediata dos EUA foi a elevação da quantidade de ataques aéreos, que somente em 2006 chegaram a lançar 987 bombas, contra o total de 884 lançadas no período entre 2001 e 2004. Os efeitos colaterais destes ataques, principalmente a morte de civis, têm sido largamente explorados pela propaganda do Talibã, e vem dividindo as opiniões entre as forças de ocupação dos EUA e dos demais países; os quais pregam a redução dos bombardeios e a negociação, intencionalmente buscando a dissociação de sua imagem daquela relacionada aos EUA (SARWARI; CREWS, 2008).

De acordo com o sítio eletrônico Crisis Group (2009, p. 2, tradução nossa):

O aumento no uso do poder aéreo aliado causou significativas baixas em civis, e refletiu a falta de autoridade do Presidente Hamid Karzai sobre as forças internacionais - alimentando a propaganda do Talibã sobre uma “invasão internacional”.

Em suma, em sua estratégia para o Afeganistão, os EUA falharam em apoiar adequadamente o governo que empossaram. Ao invés de reforçar sua autoridade e legitimidade, os EUA privaram o novo governo da construção de um Estado viável, insistindo em expedições militares punitivas, que ao contrário de resolver o problema da insegurança, acabava por agravá-lo, aumentando ainda mais a impopularidade do governo (SARWARI; CREWS, 2008). De acordo com o sítio eletrônico Crisis Group (2009, p. 1-2, tradução nossa):

O que é necessário é a criação de um Estado resiliente, que somente surgirá se forças moderadas e normas democráticas forem fortalecidas. Enquanto contrapor-se à insurgência requer o uso da força, contar unicamente com meios militares será

contraproducente. Há uma relação de integração entre os assuntos de governança e segurança, e a comunidade internacional deve trabalhar para construir e fortalecer um governo genuinamente representativo.

Como última e derradeira consequência da política equivocada dos EUA no Afeganistão, verifica-se que a impopularidade das forças de ocupação potencializa a hostilidade do ambiente operacional, com consequências devastadoras para as tropas na cena de ação. Nesse sentido, um veterano britânico da campanha no Afeganistão afirmou:

As tropas, desdobradas isoladamente, não possuíam meios reais de conquistar **corações e mentes**; não podiam oferecer nenhuma melhoria prática para o desenvolvimento; e não eram capazes nem de transmitir a política britânica com relação à produção de ópio. A sua presença logo se tornou antagônica; como alvos fáceis, atraíam qualquer um com o desejo de atingir o invasor infiel, que não pareciam melhores que os Russos antes deles (DOCHERTY *apud* SARWARI; CREWS, 2008, p. 348, tradução nossa, grifo nosso).

Analisando a atuação dos EUA na invasão e ocupação do Afeganistão, concluo que seus erros resultaram em graves consequências que, dada sua complexidade, em muito dificultarão a implementação da nova estratégia norte-americana para a região. O tema central é o apoio popular, e seus desdobramentos, cuja garantia pode ser decisiva, não somente para a guerrilha afegã, mas para qualquer ação militar no país. Como primeira consequência, a antipatia da comunidade Pashtun com relação às forças de invasão, angariada pelas ações prematuras desta, fortaleceu o relacionamento entre o Talibã e este grupo étnico de relevante importância estratégica. Posteriormente, a política minimalista dos EUA acabou por angariar a antipatia, não somente da comunidade Pashtun, mas da população afegã em geral, o que vem sendo devidamente capitalizado pelo Talibã. Ressalto que, a falta de apoio popular, ou até o repúdio da população, implica em um efeito negativo duplicado para as forças de ocupação, tendo em vista que, não somente facilita as ações do Talibã, como também dificulta sobremaneira suas próprias ações, em decorrência da instalação de um ambiente hostil generalizado. Mais uma vez na história, os EUA tem a oportunidade de vivenciar este aspecto da guerra, exaustivamente enfatizado por Mao Tse-Tung (1992) em sua doutrina de guerrilha.

4.2 A reação do Talibã

Quando o invasor penetra profundamente no país mais fraco, e ocupa seu território de maneira cruel e opressora, não há dúvida que o terreno, o clima e a sociedade em geral serão obstáculos à sua progressão; e podem ser usados como vantagem por aqueles que se opõem à invasão (TSE-TUNG, 1992, p.70, tradução nossa).

Com o desencadeamento da Operação Enduring Freedom no Afeganistão, em 2001, os combatentes do Talibã dispersaram-se nos vilarejos e refugiaram-se nas regiões montanhosas, dando a impressão de que os EUA haviam efetivamente libertado o país do domínio Talibã. Além disso, apoiando-se na ajuda estrangeira, o novo governo afegão assumia o compromisso público de livrar o país da insegurança e das drogas (CREWS; TARZI, 2008). Entretanto, a capacidade de ação do governo afegão logo ficou seriamente comprometida, pois a “invasão do Iraque, 15 meses depois, desviou recursos materiais, humanos e vontade [...] para o novo cenário de guerra, permitindo que a resistência Talibã-Al-Qaeda tivesse o tempo necessário para respirar e se reorganizar” (SILVA, 2008, p. 3).

Nesse sentido, Mullah Omar estabeleceu, já em 2002, um conselho de líderes do Talibã e, no início de 2003, deu início a uma campanha de propaganda, por meio da expedição de uma série de decretos religiosos ou “fatwa”, endossados por vários líderes religiosos importantes. Nestes documentos, Mullah Omar proclamava que era dever de todo muçulmano levar a guerra aos invasores estrangeiros e àqueles que os auxiliam. Além disso, Omar responsabilizava diretamente o novo governo pelos elevados índices de criminalidade, adultério e consumo de bebidas alcoólicas no país. Ao mesmo tempo, Omar ultimava a reorganização de suas forças e designava líderes regionais para iniciar uma campanha de ataques contra as forças dos EUA e de seus aliados (TARZI, 2008).

Sendo assim, no aspecto político, identifico que a liderança do Talibã manifestou de maneira inequívoca seus objetivos de natureza política, ou seja, a expulsão dos invasores e a retomada do poder no Afeganistão, conforme recomendado por Mao Tse-Tung (1992). Além disso, esses objetivos estavam aparentemente alinhados com os anseios da comunidade Pashtun, a qual representa a maior parcela da população afegã, conforme também recomendado por Mao Tse-Tung (1992).

Já no aspecto estratégico, analisando a descrição feita por Amin e Tarzi (2008), a respeito da atuação do Talibã no Afeganistão, entre 2001 e 2007, interpreto que a insurgência afegã ocorreu em três fases distintas. Em uma primeira fase, de 2001 a 2003, apesar de alguns ex-líderes do Talibã terem aderido ao novo governo, assumindo inclusive cargos políticos, muitos outros se mantiveram fiéis ao Talibã. Estes se empenharam em debilitar o novo governo, desestabilizando as regiões sul, leste e central do país; e impedindo os esforços de reconstrução no norte e no oeste, por meio de assassinato de trabalhadores de órgãos de ajuda humanitária, destruição de escolas e ataques suicidas contra as forças do governo e estrangeiras. Em uma segunda fase, de 2003 a 2006, a resistência evoluiu e passou a enfrentar

as forças governistas e estrangeiras em batalhas difíceis e prolongadas, ao longo de todo o território afegão. Em decorrência, o Talibã reassumiu o controle sobre diversas províncias das regiões sul, leste e central do país. Segundo Amin e Tarzi (2008), este fato, aliado a uma seqüência de atentados, seqüestros e assassinatos, orquestrados pelo Talibã, representou um ponto de inflexão no conflito. Segundo Silva (2008, p. 4), “a emergência de ataques de homens-bomba - algo raro até 2006 no cenário do país - mostra o acirramento da resistência anti-americana e anti-OTAN existente no país”. Por fim, na terceira fase, a partir de 2007, tem-se verificado a ampliação do controle do Talibã sobre o território afegão. Segundo Silva (2008), em 2008, o governo afegão tinha sob seu efetivo controle apenas uma área não maior que 30 quilômetros em torno de Kabul. Além disso, na própria capital, houve mais atentados em 2007 do que nos anos anteriores. Já no sítio eletrônico Crisis Group (2009, p. 2, tradução nossa), consta que o “Talibã controla o sul, centro e leste do Afeganistão, e conduz ataques terroristas nos principais centros populacionais”.

Comparando a atuação do Talibã, a partir de 2001, com a doutrina de Mao Tse-Tung, concluo que as três fases da insurgência afegã em muito se assemelham com as três fases da evolução da estratégia de Mao Tse-Tung, descritas por Waldron e O’Dowd (1992) e por Griffith (1992). Na primeira fase, a retirada estratégica, o Talibã também buscou conservar suas forças, retirando-se para as montanhas; mobilizou a população por meio de propaganda; e prontificou suas forças para o combate, com ênfase nas ações de guerrilha. Da mesma forma, na segunda fase, o equilíbrio de forças, o Talibã fortaleceu-se, passando a enfrentar, em nível de igualdade, as forças dos EUA e OTAN, tanto com ações regulares como de guerrilha, com ênfase no terrorismo. Por fim, na terceira fase, o Talibã vem fortalecendo-se progressivamente, aprofundando seu controle sobre o território afegão, o que denota a ampliação de sua capacidade de empreender operações regulares com mobilidade.

Assim como em sua ascensão ao poder em 1996, verifico que, ao promover atualmente sua progressiva transformação de uma força de guerrilha em uma força regular, o Talibã vem demonstrando possuir a clara noção de que a guerrilha por si só não é capaz de obter resultados decisivos; e que deve ser empregada em apoio às ações de natureza regular, conforme preconizado e aplicado por Mao Tse-Tung (1992) na China.

Contudo, alguns observadores interpretam que a insurgência em curso no Afeganistão não é decorrente de um planejamento coordenado, mas sim de iniciativas desconexas, motivadas tão somente pelo descontentamento da população com o atual governo e financiadas pelo comércio do ópio. Entretanto, outros observadores apostam na existência

de uma estratégia bem coordenada e cuidadosamente planejada pelos líderes do Talibã, para desestabilizar as forças de ocupação (SARWARI; CREWS, 2008). Nesse sentido, Silva (2008, p. 3) afirma que “o país evoluiu, depois da invasão em 2001, de uma situação de total desarticulação dos Talibãs [...] para uma bem organizada e ativa resistência depois de 2006”. Ressalto que a impressão de ações desconexas pode decorrer simplesmente da necessidade de descentralização das ações de guerrilha em áreas extensas, bem como de atividades de simulação e dissimulação, conforme destacado por Griffith (1992), contribuindo para obscurecer ainda mais a percepção sobre as reais intenções e ações da insurgência.

As fontes de obtenção de armamentos para o Talibã são diversas. Em primeiro lugar, muitas armas atualmente existentes no Afeganistão ainda são provenientes do período da ocupação soviética. Mais recentemente, os EUA armaram diversas milícias afegãs que lutaram contra o Talibã em 2001. Além disso, existem as armas fornecidas pelos EUA aos Estados vizinhos ao Afeganistão, bem como às próprias forças armadas afegãs (SARWARI; CREWS, 2008). Logo, comparando com a doutrina de Mao Tse-Tung, analisada por Griffith (1992), a respeito da utilização do inimigo como a principal fonte de suprimentos de material bélico, interpreto que os fatores acima combinados proporcionam alvos compensadores ao Talibã, para a realização de ataques com o propósito de obter armamento; ao mesmo tempo em que alimentam o mercado paralelo de armas na região, proporcionando ao Talibã a diversificação de suas fontes de obtenção de armamento, o que, por sua vez, facilita o atendimento a sua própria demanda, em quantidade e variedade de armamentos, continuidade do fornecimento e abrangência geográfica.

Já a principal fonte de recursos humanos está localizada nas madrasas situadas no Paquistão, que formam 250.000 estudantes por ano, dos quais muitos cruzam a fronteira para combater no Afeganistão (SARWARI; CREWS, 2008). Nesse particular, verifico que a origem do material humano do Talibã continua sendo a mesma, desde a época de sua formação e ascensão ao poder, ou seja, as madrasas. A perenidade desta relação, mesmo após a queda do Talibã, demonstra de maneira inequívoca a força de sua doutrinação política e religiosa, que alimenta a poderosa combinação entre esta doutrinação e o treinamento militar.

Por fim, a principal fonte de recursos financeiros do Talibã no Afeganistão continuou sendo o ópio. Apesar de uma parcela significativa da população afegã considerar a produção de ópio uma atividade contrária ao Islamismo, seu cultivo começou a propagar-se em 2002, inclusive em áreas nunca antes cultivadas. Já em 2006, a produção quase duplicou, alcançando a cifra de 3 bilhões de dólares ao ano e representando 92% do PIB afegão

(SARWARI; CREWS, 2008). Dentre as poucas diferenças percebidas entre a doutrina de Mao Tse-Tung e a atuação do Talibã, avalio a questão das drogas como sendo de maior destaque. Mao Tse-Tung (1992) pregava a necessidade de tolerância na admissão de pessoas na guerrilha, mesmo que objetivassem obter vantagens para praticar atividades ilícitas. Sua justificativa residia no fato de que, caso não fossem recrutadas, essas pessoas poderiam acabar sendo utilizadas pelo inimigo. Entretanto, Mao Tse-Tung (1992) prescrevia que a sustentação financeira e alimentar da guerrilha deveria ser dependente de contribuições voluntárias da própria população. Atualmente no Afeganistão, o Talibã permite a produção e o comércio de ópio nas áreas sob seu controle, com o propósito de assegurar e ampliar as receitas provenientes da taxação sobre estas atividades, que é sua principal fonte de recursos financeiros. Dessa forma, concluo que, ao relacionar-se com o narcotráfico de maneira mais direta, e por ser esta uma atividade normalmente considerada ilícita e degradante, o Talibã contraria a doutrina de Mao Tse-Tung, criando uma vulnerabilidade fundada em uma profunda contradição moral, que poderá enfraquecer as bases de seu apoio popular. Por outro lado, é improvável que o Talibã abdique desta fonte de recursos, sem uma substituição a altura, ou enquanto não houver retomado o poder no Afeganistão, tendo em vista que sua sobrevivência fica assegurada por uma atividade que tem se desenvolvido de maneira perene e altamente lucrativa. Em contrapartida, ressalto que a elevada dependência de uma mesma fonte de receitas, por sua vez, cria uma vulnerabilidade econômica, na medida em que permite ao inimigo concentrar seus esforços em prol do estrangulamento financeiro da insurgência.

6 CONCLUSÃO

O Afeganistão contemporâneo possui muitas características que os cientistas sociais identificam como favoráveis ao surgimento de insurgências: um terreno difícil e montanhoso, pobreza, descrença da população para com o Estado [...] esconderijos na região de fronteira, e um produto de fácil transporte (no caso o ópio) para obtenção de recursos financeiros (CREWS; TARZI, 2008, p. 10, tradução nossa).

Apesar de não haver uma declaração pública por parte do Talibã, quanto ao estudo e ao emprego da doutrina de guerrilha de Mao Tse-Tung no Afeganistão, a análise mais acurada desta insurgência, resguardadas suas particularidades históricas, revela a existência de uma quantidade significativamente maior de semelhanças do que diferenças.

No campo político, Mao Tse-Tung pregava insistentemente a necessidade do apoio popular e da doutrinação política dos combatentes. Por sua vez, o Talibã, por meio de uma forte e atuante liderança política, logrou obter e manter o apoio da comunidade Pashtun, explorando a grave condição social da população afegã; e manteve a coesão ideológica e operacional de suas forças.

No campo estratégico, a guerra irregular teve um papel destacado na insurgência chinesa, com ênfase nas ações de guerrilha, sabotagem, terrorismo e assassinatos. Da mesma forma, o Talibã vem empregando a guerra irregular, com extenso uso dessas táticas de combate. O aspecto inovador tem sido o recurso aos ataques suicidas em suas ações.

Mao Tse-Tung enfatizava também que as ações de guerrilha por si mesmas não são capazes de conduzir a resultados decisivos, os quais somente podem ser alcançados por forças regulares. Nesse sentido, o Talibã vem buscando progressivamente as condições necessárias para o desenvolvimento de operações regulares, com o propósito de derrotar as forças estrangeiras e retomar o poder no país.

Finalmente, o Talibã tem explorado adequadamente o potencial das características topográficas presentes no Afeganistão, valendo-se do relevo montanhoso, assim como fez Mao Tse-Tung na China, para proporcionar segurança às suas operações, dificultando sobremaneira a mobilidade de seus inimigos.

A guerra de Mao Tse-Tung foi travada contra inimigos diferentes, em momentos distintos. Inicialmente contra o governo chinês, em seguida contra o invasor japonês e por fim novamente contra o governo. Já o Talibã vem combatendo simultaneamente dois inimigos: o governo afegão e as forças estrangeiras. Sendo que, neste último, estão incluídas a maior potência militar do planeta (EUA) e a mais potente aliança militar do momento (OTAN).

Mesmo assim, o Talibã logrou preservar suas forças quando acuado, reorganizá-las quando possível, e atacar o inimigo quando menos esperado; aproximando-se cada vez mais de seus objetivos políticos, por meio da desestabilização do governo, do desgaste das forças inimigas, da ampliação do território sob seu controle e do prolongamento da guerra.

Esta realidade é comprovada pelas recentes mudanças na estratégia dos EUA para o Afeganistão, as quais, além de comprometerem um maior efetivo em tropas na região, têm buscado outros meios para alcançar a vitória sobre o Talibã; ou seja, uma maior ênfase na reconstrução física e no fortalecimento institucional do país, e a busca da negociação com integrantes supostamente “moderados” do Talibã.

Resguardadas as características próprias do Afeganistão, que contribuíram para o histórico de resistências que remontam a Alexandre, o Grande, o sucesso da insurgência do Talibã deve-se principalmente ao emprego dos princípios ancestrais da guerrilha, com o advento de métodos menos ortodoxos, mas de grande impacto psicológico, como os ataques suicidas. Entretanto, a dependência financeira do ópio, aparentemente por falta de opção, tem sido a mácula moral do Talibã.

Não há como prever se a estratégia do Presidente Obama para o Afeganistão terá sucesso e possibilitará a vitória definitiva sobre o Talibã. Contudo, a própria reavaliação estratégica em si e a mudança de rumo para a região, a que foram irremediavelmente levados os EUA, são provas incontestes da validade da doutrina de guerrilha de Mao Tse-Tung na atualidade, quando aplicada às particularidades da insurgência do Talibã no Afeganistão.

Sendo assim, mediante a descrição da atuação do Talibã, de 2001 até o presente, e por meio da análise comparativa entre o pensamento de Mao Tse-Tung e a insurgência afegã, concluo ser válida a aplicação da doutrina de guerrilha formulada por Mao Tse-Tung no atual conflito no Afeganistão.

REFERÊNCIAS

- BEARDEN, Milton. Obama's war: redefining victory in Afghanistan and Pakistan. *Foreign Affairs*, Palm Coast, 3 p. 2009. Disponível em: < <http://www.foreignaffairs.com/articles/64925/milton-bearden-obamas-war> >. Acesso em: 28 jun. 2009.
- CHRISTIA, Fotini; SEMPLE, Michael. Flipping the Taliban: how to win in Afghanistan. *Foreign Affairs*, New York, v. 88, n. 4, p. 34-45, Jul. 2009.
- CREWS, Robert D (Ed.); TARZI, Amin (Ed.). *The Taliban and the crisis of Afghanistan*. Cambridge: Harvard University Press, 2008. 430 p.
- CREWS, Robert D. Moderate Taliban? In: CREWS, Robert D (Ed.); TARZI, Amin (Ed.). *The Taliban and the crisis of Afghanistan*. Cambridge: Harvard University Press, 2008. p. 238-273.
- FERREIRA, Aurélio B. H. *Miniaurélio eletrônico*. Versão 5.12.83. Curitiba: Positivo Informática, 2004.
- GRIFFITH, Samuel B. *Mao Tse-Tung on guerrilla warfare*. 2nd ed. Baltimore: The Nautical & Aviation Publishing Company of America, 1992. 149 p.
- ICASUALTIES.ORG. *Operation Enduring Freedom*. [S.l.]: 2009. Apresenta contabilidade de baixas, por país e por ano, das forças de coalizão, nas guerras do Iraque e do Afeganistão. Disponível em: < <http://icasualties.org/oef/> >. Acesso em: 11 jul. 2009.
- INTERNATIONAL CRISIS GROUP. *Security in Afghanistan*. Bruxelas: 2009. Apresenta análises e aconselhamentos de alto nível para evitar ou resolver conflitos no mundo atual. Disponível em: < <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=3071&1=1> >. Acesso em: 09 jul. 2009.
- MUELLER, John. How dangerous are the Taliban? Why Afghanistan is the wrong war. *Foreign Affairs*, Palm Coast, 2 p. 2009. Disponível em: < <http://www.foreignaffairs.com/articles/64932/john-mueller/how-dangerous-are-the-taliban> >. Acesso em: 28 jun. 2009.
- O'DOWD, Edward. Bibliographical essay. In: GRIFFITH, Samuel B. *Mao Tse-Tung on guerrilla warfare*. 2nd ed. Baltimore: The Nautical & Aviation Publishing Company of America, 1992. p. 135-155.
- SARWARI, Atiq; CREWS, Robert D. Epilogue: Afghanistan and the Pax Americana. In: CREWS, Robert D (Ed.); TARZI, Amin (Ed.). *The Taliban and the crisis of Afghanistan*. Cambridge: Harvard University Press, 2008. p. 311-358.
- SILVA, Francisco C. T. 2007: o pior ano da guerra americana. *Revista Eletrônica Boletim do Tempo*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 35, 2008. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&task=view&id=3298&Itemid=147>. Acesso em: 09 jul. 2009.

TARZI, Amin. The Neo-Taliban. In: CREWS, Robert D (Ed.); TARZI, Amin (Ed.). *The Taliban and the crisis of Afghanistan*. Cambridge: Harvard University Press, 2008. p. 274-310.

TSE-TUNG, Mao. *Guerrilla warfare*. Tradução de Samuel B. Griffith. Baltimore: The Nautical & Aviation Publishing Company of America, 1992. p. 69-131. Título original chinês: Yu Chi Chan.

WALDRON, Arthur; O'DOWD, Edward. Introduction to second edition. In: GRIFFITH, Samuel B. *Mao Tse-Tung on guerrilla warfare*. 2nd ed. Baltimore: The Nautical & Aviation Publishing Company of America, 1992. p. 3-30.

ANEXO A - ILUSTRAÇÕES

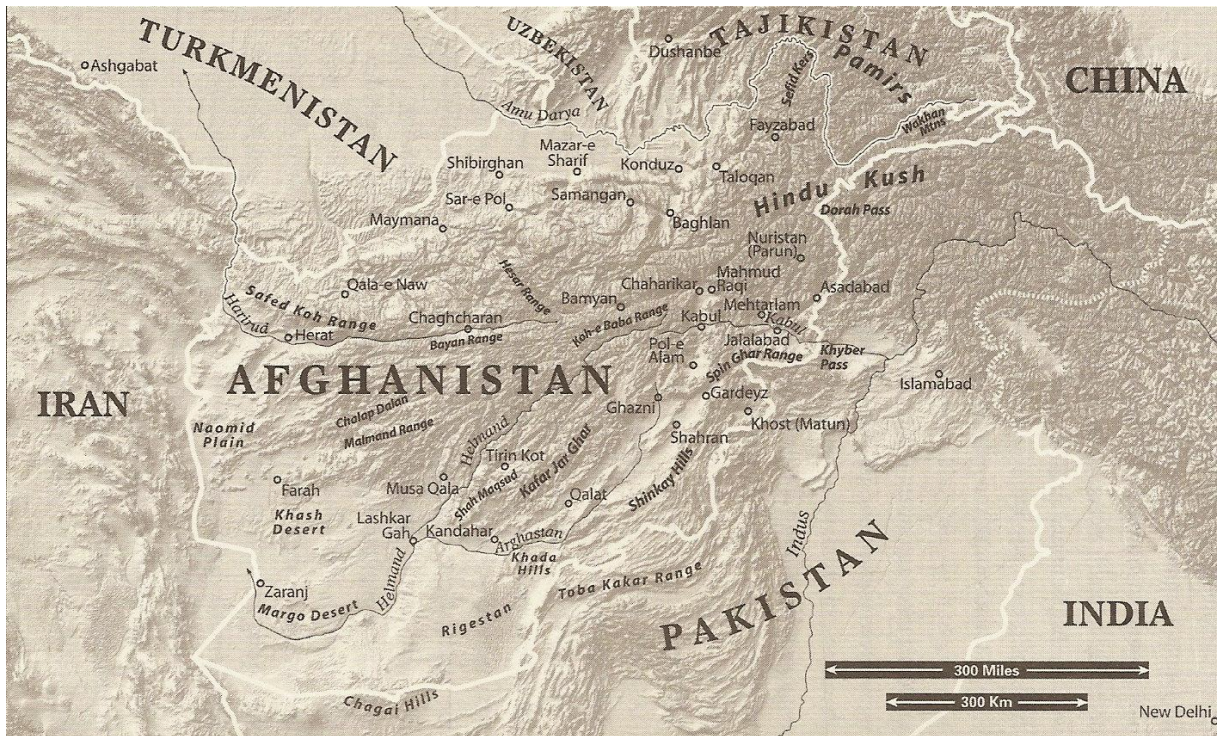


FIGURA 1 – Relevo do Afeganistão.
 Fonte: CREWS; TARZI, 2008.



FIGURA 2 – Grupos étnicos no Afeganistão.
 Fonte: CREWS; TARZI, 2008.